

## PORQUE NÃO? PORQUE SIM...



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.



Na nossa vida profissional há momentos que nos marcam.

Hoje quero falar de dois deles. Por vaidade? Sim.

Sim? Porque sim... Apetece-me...dará “pimenta na língua”?...seguramente, mas é essa a intenção porque para “cinzentismos” já nos chega o que para aí vai “sem sabor e sem sumo”.

E se “a modéstia é a vaidade escondida atrás da porta” serei provavelmente imodesto, porque aqui as portas serão sempre abertas, sem truques, sem manhas, sem fechaduras.

### PRIMEIRO MOMENTO

Ganhei o Prémio Carreira da Revista Saúde Oral em 2019, numa votação “inter-pares”.

Quando me perguntaram a razão da minha felicidade por receber esse prémio, numa entrevista à revista disse:

“Se calhar porque estava na hora de homenagear alguém sem uma verdadeira carreira, no sentido mais lato do termo. O que eu sou verdadeiramente é um clínico que fez muitas conferências divulgando o que fazia. Não fiz uma carreira académica ou associativa, se bem que tenha sido académico e associativo. Sou um médico dentista normal”.

Fiz um discurso quando recebi este Prémio, nunca publicado. Sê-lo-á agora.

Alguém disse um dia:

“Na ânsia de chegar ao topo, muita gente subestima os primeiros degraus, mas é neles que está a chave para o sucesso profissional.”

E se algum o tive, devo-o aos meus mestres com quem muito aprendi. Recordar nesta hora Fernando Peres é, pois, um dever, e faço-o evocando o seu nome em primeiríssimo lugar. Com ele aprendi que esta nobre arte e ciência tem que ter como base a ética, os princípios de conduta exemplares, a cabeça erguida em qualquer lugar. Aprendi que ter “coluna vertebral” é muito difícil, mas também é muito bom.

Para ele as minhas primeiras palavras.

O Papa Francisco afirmou:

Em cada sociedade, as famílias geram paz, porque ensinam o amor, o acolhimento e o perdão, que são os melhores antidotos contra o ódio, o preconceito e a vingança que envenenam a vida de pessoas e comunidades”.

Na minha família, sobretudo na minha mulher, filhos, netos, pais e irmãos, encontrei a âncora e a base de todas as facetas da minha vida. Porque me dão diariamente exemplos de valores, de princípios, e de condutas. E nessa interação procuro sempre lutar contra os preconceitos, os vícios e as mentiras que nos toldam. Sem eles era impossível eu ter ganho este prémio, porque não basta ter sucesso na profissão... mais que um homem de sucesso temos que ser um homem de valores. O meu obrigado à minha família.

Na Torá podemos ler: “Seu amigo, aquele que é como se fosse sua própria alma”.

Com os amigos, a tal família que escolhemos, chorei e ri, apoiei muitas vezes a minha cabeça nalguns ombros, orei em conjunto, supliquei e inconformei-me. Com os amigos percorri caminhos largos e veredas estreitas, mas quando olhei para o lado estavam lá.

E permitam-me que personifique esses amigos no Manuel Neves. Em todos os momentos, mesmo naqueles em que alguns o julgavam ausente, o encontrei. De olhar meigo, voz serena, a apontar-me rumos...os dois, num só, sentados num banco de jardim dessa Bordéus que tanto nos marcou, meditando sobre tudo e sobre nada. Os dois lutando contra dogmas, contra os medíocres, os invejosos, os reis sem trono porque os reis normalmente estavam nus, pensando que vestiam finas púrpuras e coroas de diamantes.

“Dois é melhor do que um, pois se um fraquejar, o outro o erguerá. Mas sofra pelo que estiver só, pois ao cair, não terá quem o reerga” diz o Eclesiastes.

Obrigado a todos os amigos que nunca me deixaram só.

E, com a vossa permissão invoco um outro amigo que partiu, e que do oriente eterno assiste a esta cerimónia. Obrigado, João Carvalho; também tu foste um companheiro de viagem, de tormentas e de sois brilhantes.

Este prémio é mais um princípio que um fim de carreira. Porque no dia seguinte a recebê-lo eu vou levantar-me na mesma às 6:30h da manhã, trabalhar duramente, entregue a mim próprio e motivando a minha equipe de trabalho (a quem também agradeço, sobretudo ao meu filho e continuador André Pimenta) a fazerem sempre mais e melhor, numa selva sem rei nem roque onde vale tudo porque nela reina a impunidade.

No dia seguinte vou continuar a atender chamadas de colegas a pedirem conselhos sobre formação, a dizerem-me que as minhas conferências os motivaram, a “chorarem” pelo sofrimento de terem que trabalhar a ganharem menos que a minha empregada de casa.

No dia seguinte continuarei a dizer alto e bom som que deixamos e deixaram a medicina dentária bater no lodo, mas que pode existir um futuro mais risonho, provavelmente com outras gentes, outras mentes e outras atitudes. Com mais e melhor regulação.

No dia seguinte vou continuar a ouvir o Couto Viana a dizer-me “se me dedico à prótese foi porque um dia o ouvi numa conferência e vi que havia um mundo diferente na medicina dentária” e o Manuel Neves a sussurrar-me “podes entrar em qualquer porta de cabeça levantada porque não deves nada a ninguém”.

No dia seguinte continuarei a ser “abjectamente livre” que é a única forma de sermos livres como dizia Agostinho da Silva. “Aqueles que abrem mão da liberdade essencial por um pouco de segurança temporária não merecem nem liberdade, nem segurança” disse Benjamin Franklin... Eu continuarei essencialmente livre, fugindo de um cinzento crescente numa sociedade que não combate eficazmente a corrupção e as faltas de carácter. Sempre procurando na força, na sabedoria e na beleza as luzes do meu caminho.

Porque o dia seguinte será sempre o primeiro.

Até que o eterno arquiteto o permita.

Disse.

## SEGUNDO MOMENTO



Quando recebi o colar e diploma da Academia Brasileira de Odontologia, passando a Académico Honorário de uma das mais prestigiadas Academias do Mundo, estar ao lado de alguns dos melhores médicos dentistas do mundo, ocupar o que chamam “a cadeira da imortalidade” fez-me refletir sobre a minha vida profissional e concluir que tinha valido a pena ter trilhado o meu caminho, indiferente que fui a muitas vozes “amigas” e porque não dizê-lo a alguns “filhos da p\*\*\*” e mais não digo...

Quis outro País lembrar-se de mim e do meu trajeto... Obrigado ao Brasil e à Academia Brasileira de Odontologia. Na cerimónia de posse disse:

Dizia Ita Portugal, escritora do Maranhão:

“Sou da ilusão. Das confusas idas e vindas. Da insistência pela história. Sou de acreditar. De me perder nos romances. De entregas e depois arrependimentos. Sou da saudade dolorida. Das esperas angustiantes.

Sou da minha vasta imaginação. Da sobrevivência. Das tristezas ocasionais. Das perguntas sem respostas. Das respostas sem perguntas.”

Este sou eu, aqui, perante tão prestigiada Academia, a agradecer a permissão de poder fazer dela parte como Académico Honorário.

É a medicina dentária Brasileira a de maior nível mundial. Ao fim de 38 anos de profissão e de ter feito conferências em muitos países, posso afirmá-lo, sem qualquer dúvida. Ser a partir de hoje um dos seus membros vai responsabilizar-me muito, e tudo farei para a honrar e dignificar, com humildade, com vontade e sobretudo valorizando sempre a ética como pedra basilar da nossa profissão.

Vivemos num mundo do imediato, dos modismos, do facilitismo.

Arrisco a dizer que ter-se coluna vertebral, não se ser ameboide, é quase heroico

E na nossa nobre arte também. Não ceder à publicidade reles e mentirosa. Não ceder à estandardização da estética, como se o sorriso não fosse o nosso cartão-postal. Não ceder à manipulação de alguma indústria sem escrúpulos. Não ceder. Não nos vergarmos. Esse é o desígnio de quem mantém a Medicina Dentária em elevados padrões morais, éticos e profissionais. Esse é o nosso desígnio.

Permitam-me que neste título que me concedem eu englobe a Medicina Dentária portuguesa. Somos jovens, e até tivemos alguns atritos passageiros. Mas será sempre no respeito mútuo que encontraremos as bases do desejável intercâmbio e desenvolvimento.

Vou terminar com uma frase de um grande neurocirurgião português que já passou ao oriente eterno, João Lobo Antunes:

“Não sei o que nos espera, mas sei o que me preocupa: é que a medicina, empolgada pela ciência, seduzida pela tecnologia e atordoada pela burocracia, apague a sua face humana e ignore a individualidade única de cada pessoa que sofre, pois embora se inventem cada vez mais modos de tratar, não se descobriu ainda a forma de aliviar o sofrimento sem empatia ou compaixão.”

Mais medicina, mais humanismo, mais compaixão e mais empatia para que o futuro tenha na técnica um aliado e não dela sejamos escravos.

Disse.

E agora comecem a atirar pedras. Quem for capaz...

Proibido aos “pequeninos de mente”, aos culambistas e aos que se “aninham” quando atiram pedras; também aos que se escondem atrás das portas... ■